

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: REALIDADE DE UM CURSO DE LICENCIATURA

Raymara Fonseca dos Santos (1); Dainessa de Souza Carneiro (1); Mariana Pereira de Andrade (2);

Universidade Federal do Amazonas, fs.raymara@gmail.com;

Universidade Federal do Amazonas, dainessagen@hotmail.com;

Universidade Federal do Amazonas, andrade.ufam@gmail.com.

RESUMO:

O presente artigo trata sobre a avaliação da aprendizagem no ensino superior, relatando como a mesma ocorre no curso de licenciatura em Educação Física, objetivando analisar esse processo considerando as concepções dos docentes e discentes do curso. A pesquisa contou com a participação de 22 voluntários, sendo 17 discentes e 5 docentes do curso em questão, que aceitaram participar de uma entrevista, na qual continha perguntas específicas para cada um desses grupos e que estavam diretamente ligadas com o objeto central da pesquisa. Dessa forma, verificou-se que o processo de avaliação da aprendizagem é compreendido, em sua maioria, por ambos os grupos, um mecanismo eficaz de resultado final. Por outro lado, houve aqueles que destacaram a avaliação como um processo contínuo para uma aprendizagem significativa. Portanto, os resultados da pesquisa revelam que há uma necessidade de reflexão mais profunda sobre o real significado de avaliar a aprendizagem no ensino superior, tendo em vista que neste ambiente formam-se futuros professores que ingressarão no ensino básico transmitindo parte do conhecimento construído na universidade.

Avaliação, Avaliação da Aprendizagem, Ensino Superior, Educação Física.

1. INTRODUÇÃO

No curso de Especialização em Docência no Ensino Superior na Universidade Federal do Amazonas, a disciplina de Avaliação no Ensino Superior apresentava novas perspectivas sobre avaliação da aprendizagem, desconhecidas até então pela maioria da turma. Pois os discentes desta pós-graduação são oriundos de uma educação tradicional e desconheciam uma visão mais qualitativa sobre avaliação no ensino superior, a qual deve ser realizada visando benefícios para a formação de futuros profissionais, na graduação.

Diante disso, propomos analisar o processo de avaliação da aprendizagem no curso de Licenciatura em Educação Física, considerando as concepções dos docentes e discentes do curso, pois ambos fazem parte desse processo no contexto acadêmico. Para tanto, partimos do pressuposto que essa avaliação deve ser realizada de forma qualitativa, considerando o processo de ensino-aprendizagem. O curso Licenciatura em Educação Física¹, do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, da Universidade Federal do Amazonas surgiu oficialmente no ano de 2007

¹ Em alguns momentos do texto, apresentaremos a sigla LEF, quando nos referirmos ao curso de Licenciatura em Educação Física deste instituto.

por meio da Resolução CONSUNI/UFAM nº 019/2007, tendo como objetivo principal formar licenciados em Educação Física, aptos ao trabalho docente na educação básica. Tem conceito 4 obtido a partir do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE, conforme relatado no Projeto Pedagógico do Curso – PPC. Neste documento destaca-se que a avaliação é fundamental no processo de ensino-aprendizagem nas disciplinas do curso em questão (PPC, 2013).

A partir dessa afirmação vale a ideia que a avaliação não se faz sozinha, pelo contrário, necessita que o docente utilize instrumentos que auxiliem-no no processo de ensino-aprendizagem. Fazendo-se necessário saber utilizá-los para diferenciar o ato de avaliar com simplesmente examinar a aprendizagem do aluno. Podemos considerar que, numa visão crítica, examinar preocupa-se somente na classificação dos discentes por nota, com o resultado final; enquanto que avaliar possui um aspecto mais amplo, em que se preocupa com o processo, ou seja, se os discentes aprenderam ou não e de que forma trabalhar para que haja uma aprendizagem significativa (LUCKESI, 2005).

A forma como o docente universitário utiliza os instrumentos para avaliar os alunos tende a se basear em tendências pedagógicas seguidas por ele por razões particulares de afinidade e/ou contexto da unidade de ensino. E isso revelará se ele considera a avaliação da aprendizagem um processo contínuo ou um mero resultado final, característico de uma visão tradicional sobre o tema.

2. METODOLOGIA

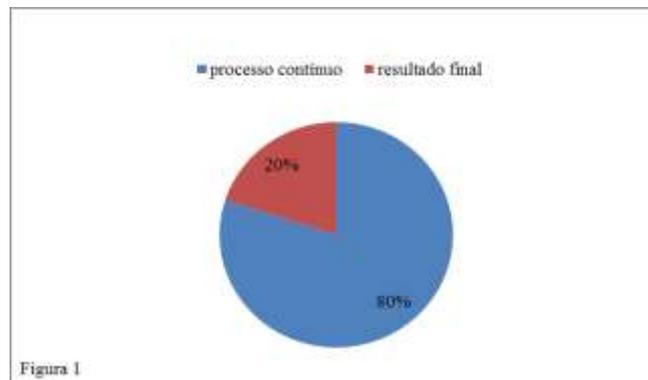
A pesquisa realizada foi do tipo quali quanti, pois quantificamos e analisamos criticamente os dados de forma qualitativa, buscando igualdades e diferenças de opiniões. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semi-estruturada com os participantes, após assinatura TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Tratou-se de uma pesquisa de campo, sobre a qual descrevemos e explicamos tal realidade a partir das informações coletadas. Estas foram analisadas a partir da técnica de análise de conteúdo, a qual consiste em fazer registros de falas, analisá-los e compará-los entre os participantes da pesquisa (MICHEL, 2009).

A pesquisa foi realizada no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, da Universidade Federal do Amazonas, sendo a coleta de dados durante o mês de março de 2015, em dias agendados com os participantes. Os sujeitos da pesquisa foram 17 discentes matriculados no curso de Educação Física a partir do 3º período, selecionados por amostra aleatória, e ainda 5 docentes do curso, entre eles 1 substituto e 4 efetivos, que encontravam-se presentes na universidade durante o período de coleta.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Entrevista com os docentes²

1ª pergunta: Para você o que é avaliar a aprendizagem do discente no ensino superior?



Como podemos constatar, 20% revela avaliar o discente especialmente como resultado final de seu desempenho. Destacamos aqui o trecho que nos auxiliou nessa constatação: “como ele (discente) aplica a partir do que ele aprendeu na teoria, na prática” (DOC. 03). Ou seja, a avaliação ocorre, em sua concepção, em um momento específico, assim como a aprendizagem testada em um momento único e final. Em contrapartida 80%, considera a avaliação um processo contínuo do processo ensino - aprendizagem, como mostra o seguinte relato: “ver o crescimento do aluno nas aulas, na participação, na realização dos trabalhos” (DOC. 01).

O processo avaliativo é realmente contínuo, durante todo o processo de aprendizagem do aluno. Após um levantamento de seus conhecimentos prévios, o professor ministra os conteúdos e acompanha e ver como ocorre a aprendizagem e como estão aprendendo, ou seja, as fases “diagnóstico”, “acompanhamento” e “comprovação” são integrantes da avaliação da aprendizagem. Assim, a mesma flui naturalmente no decorrer do processo. (MÉDICE e SANTOS, 2010).

2ª pergunta: Os processos de aprendizagem e de avaliação são momentos distintos ou inseparáveis?

² Quando houver necessidade de citarmos a fala de algum docente, o mesmo será identificado da seguinte forma: DOC. 00. E assim por diante.

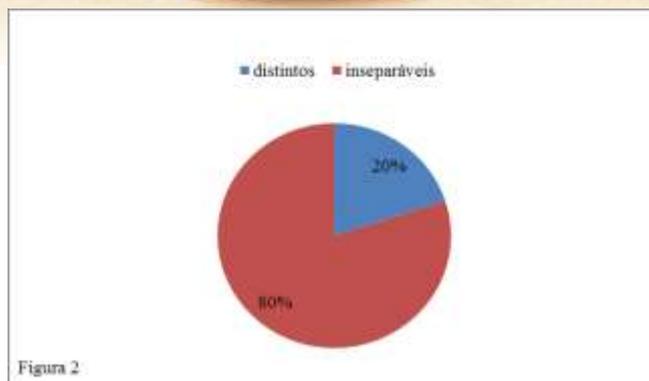


Figura 2

Nessa pergunta em questão 20% considera que os dois processos ocorram de forma assíncrona, ou seja, para cada momento há um tempo corrente. Entretanto, devemos considerar que para uma aprendizagem significativa, ou seja, uma aprendizagem que faça sentido para o aluno e que seja útil em sua vida deve-se, portanto, ser acompanhada de uma constante avaliação, isto é, devemos considerar que ambos os momentos são inseparáveis (FERRAZ e GALDINO, 2010).

Vale destacar que houve algumas contradições: o docente 02 considera a avaliação um processo contínuo (figura 1), mas na figura 2 o mesmo encontra-se nos 20%, afirmando serem momentos distintos: o de avaliação e o de aprendizagem. Pois quando ressalta em sua fala que “[...]a qualquer momento a pessoa pode ser avaliada[...]” e que “[...]esse processo de aprendizagem se dá com um tempo” (DOC. 02) subentende-se que nessa concepção a avaliação independe da aprendizagem. Outra incoerência corrente encontra-se quando o docente 03 concorda que são inseparáveis e simultâneos os momentos em destaque, porém, o mesmo considera a avaliação um momento estático e final, analisado na primeira pergunta.

3ª pergunta: Quais instrumentos utilizados para avaliar os discentes?



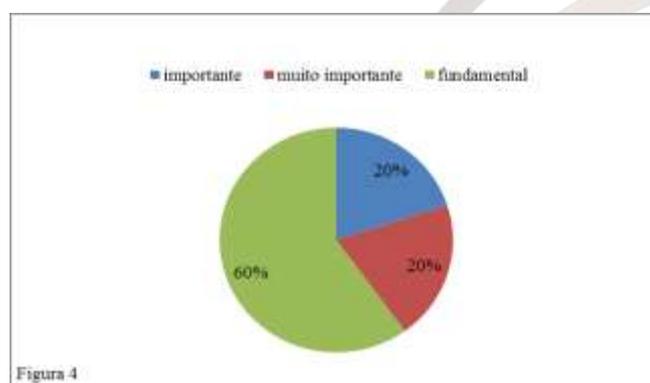
Figura 3

Todos utilizam instrumentos indicados para uso em sala de aula, conforme propõe o projeto pedagógico do curso: “[...]avaliações escritas, observação sistematizada ou não sistematizada, avaliações orais, autoavaliação, trabalhos e produções acadêmicas por escrito ou apresentadas

individuais ou coletivas (HAYDT, 2006 citado por PPC, 2013, p. 83). Ressaltamos que o instrumento prova escrita prevalece em todas as falas, em segundo lugar os trabalhos teóricos e em terceiro o seminário.

Os docentes poderiam fazer uma pequena pesquisa com os discentes a respeito dos instrumentos de avaliação e sua forma de utilização, como é o caso da prova escrita, a qual não é bem vista pela maioria dos discentes, pois “[...]geralmente tem professor que[...] quer algo muito técnico, coisa que a vezes não sabemos repassar para o papel. Aí a gente acaba colocando[...]da nossa maneira. O que na maioria das vezes é a mesma coisa, só que não de forma tão técnica” (DISC. 02). Revelando que o problema não está no instrumento prova, mas sim na forma como a mesma é utilizada para avaliar o que os discentes aprendem.

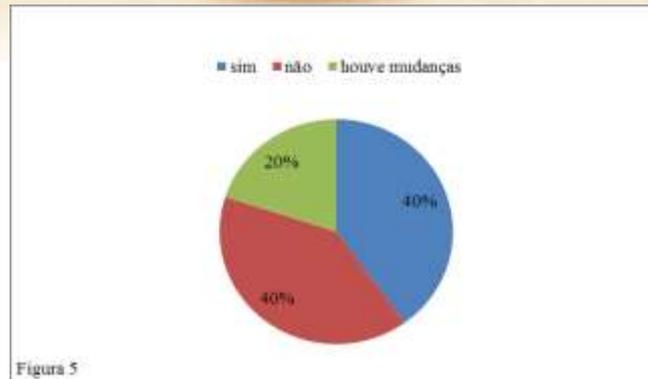
4ª pergunta: O que você acha sobre a participação dos discentes para sua própria aprendizagem significativa?



Durante a entrevista os docentes destacaram que em geral, os discentes participam pouco das aulas, o que pode influenciar no seu processo de formação como um todo. Destacamos a afirmação a seguir: “É fundamental. Participar das aulas teóricas, práticas, expor seu conhecimento, tirar dúvidas em sala. Participar faz parte da formação de qualquer profissional[...]” (DOC. 05).

Podemos complementar tal opinião afirmando que a participação dos discentes deve ser vista, não somente pelo docente, mas por ambos como um elemento frequente e fundamental para o processo de construção de seu próprio conhecimento. E deve compor a avaliação como um processo permanente, ativo, crítico e criativo, propondo diálogo em sala de aula entre todos os presentes, ou seja, a participação é parte integrante da avaliação (ABRAMOWICZ, 1990).

5ª pergunta: Você sente necessidade em mudar os métodos avaliativos



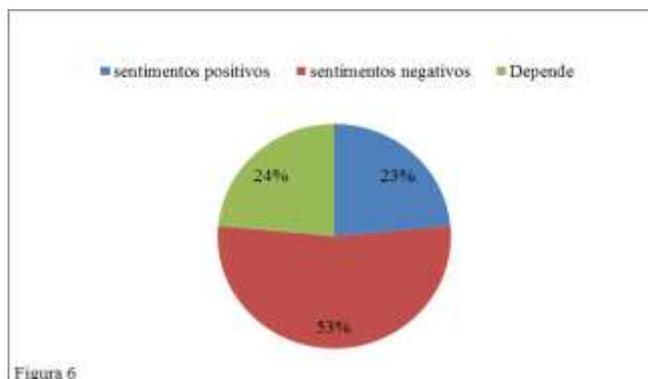
De acordo com essa questão, conforme mostra a figura 5 podemos observar que as opiniões se diferem, equilibrando-as entre o sim e o não, destacando uma exceção que afirma haver tido mudanças nos seus métodos avaliativos, considerando-as em disciplinas específicas de sua responsabilidade: “já houve mudanças para melhor, como o redimensionamento da carga horária da disciplina que era excessiva. E vem se pensando em mais formas de avaliar o discente, para um melhor processo avaliativo” (DOC. 04). Destaca-se então o interesse de mudanças a partir da postura tomada, a qual passa a preocupar-se principalmente com o processo de ensino-aprendizagem, excluindo a antiga ideia quantificadora, classificatória. Essa nova postura contribuirá qualitativamente com o processo de ensino-aprendizagem. (MORAES e RECHE, 2011).

6ª pergunta: Você acha que os discentes importam-se mais com as notas ou com sua aprendizagem?

Correspondente a essa pergunta, 100% dos participantes admitem constatar o maior interesse dos discentes por nota, em justificativas que se relacionam entre si, como a mudança de comportamento dos discentes para com os docentes. Talvez, esse pensamento dos professores seja devido o cotidiano rotineiro do ensino superior, pois é comum o docente se preocupar basicamente com o que a instituição exige, ou seja, ministra aulas, avalia e aplica notas. O aluno por sua vez preocupa-se mais em conseguir atingir as notas para ser aprovado nas disciplinas, do que com a qualidade da aprendizagem que está adquirindo para sua formação profissional contínua. Fato preocupante quando se trata de avaliar a aprendizagem, pois a mesma fica fragmentada quando o aluno estuda para uma prova ou trabalho específico somente sem fazer uma autoavaliação sobre o que foi aprendido (CHAVES, 2003).

3.2 Entrevista com os discentes³

1ª pergunta: Como você se sente quando os docentes marcam prova?

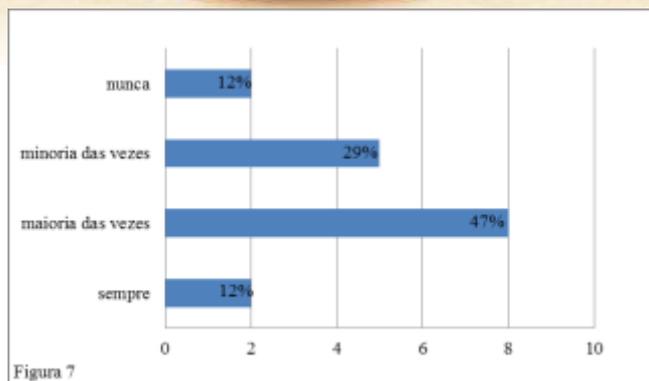


Com base na primeira pergunta foi possível identificar vários sentimentos de cada discente perante a situação prova. E como podemos observar na figura 6 a maioria revelou ter sentimentos negativos (53%), dos quais citaram: ficar ansioso(a), aflito (a), nervoso(a), estar sob pressão. De sentimentos positivos destacaram ficar na expectativa, normal, calmo(a) e tranquilo(a). A última categoria (depende), enquadra-se o seguinte relato de um discente: “Quando eu consigo assimilar o conteúdo, quando bem repassado, eu fico mais calma. Mas realmente quando não domino o conteúdo aí eu fico nervosa” (DISC. 02).

Evidencia-se nessa pergunta o nível de tensão dos discentes no momento de realizar uma prova. De acordo com seus relatos podemos considerar que realizariam uma boa prova se primeiramente estivessem mais calmos. Porém, talvez na prática avaliativa provas e notas ainda se apresentem em um formato de autoritarismo que desperte certo nível de tensão aos alunos, onde estes por sua vez têm o domínio dos conteúdos de forma memorizada para esse momento único, sendo cobrados para isso, tendo uma aprendizagem momentânea apenas (ABRAMOWICZ, 1990).

2ª pergunta: Após a entrega de provas é feito algum tipo de discussão em sala de aula a respeito dos resultados?

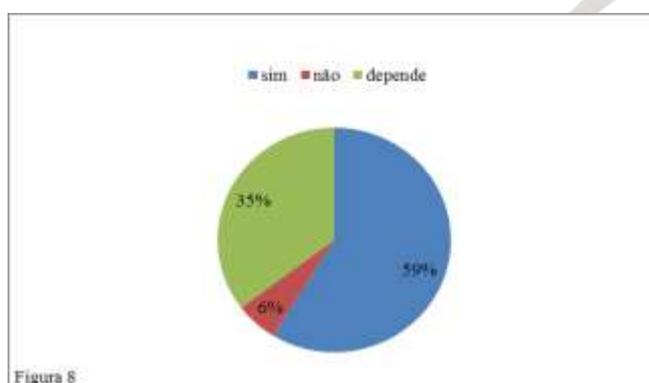
³Quando houver necessidade de citarmos a fala de algum discente, o mesmo será identificado da seguinte forma: DISC. 00. E assim por diante.



Podemos observar na figura 7 que a categoria “maioria das vezes” prevaleceu, correspondente a 47% dos entrevistados, o que pode ser uma questão positiva quando se trata de avaliação. Assim como os que declararam “minorias das vezes” e “nunca” ressaltam a importância dessa discussão e a mudança que aconteceria se houvesse, como é o caso do relato do seguinte discente: “[...]se todos os docentes fizessem algum tipo de discussão em sala após as provas ajudaria muito, porque mesmo depois de realizadas ainda ficam as dúvidas sobre os conteúdos” (DISC. 09).

Com base nesse relato observa-se a necessidade que os discentes têm de haver um *feedback* para conseguirem acompanhar o avanço de sua aprendizagem, por meio de discussões em sala de aula, incluindo a participação dos mesmos com o docente. Isso contribuiria ainda com a relação professor-aluno, a qual por sua vez auxilia na construção coletiva do conhecimento (HAYDT, 2006).

3ª pergunta: Você concorda com os instrumentos avaliativos adotados pelos docentes?



Nesse caso, observamos que a prevalência está na aceitação dos instrumentos utilizados para avaliar os discentes. Em segundo lugar estão as opiniões dos discentes que concordam com alguns desses instrumentos e descarta a necessidade de utilizar outros, como no destaque a seguir:

[...]prova não é suficiente pra avaliar o conhecimento do aluno, mesmo porque ele pode se confundir, ficar nervoso, ter dificuldade de se expressar de forma escrita. Então penso que instrumentos que exigem do aluno se expressar verbalmente possa contribuir muito mais para avaliar sua aprendizagem, como seminário[...] (DISC. 17).

Essa ideia revela o que o discente julga ser o mais adequado, já que o mesmo vive isso no cotidiano acadêmico, afirmando que avaliar vai além de uma prova escrita. O discente apresenta o seminário como sugestão de instrumento que pode contribuir para avaliar a aprendizagem do aluno. Esse instrumento pode promover a sua autonomia e liberdade de expressão, sem limitar-se a questões que requerem muitas vezes respostas prontas e memorizadas, como normalmente feito em provas (MÉDICE e SANTOS, 2010).

4ª pergunta: Qual sua reação ao receber uma nota indesejável?

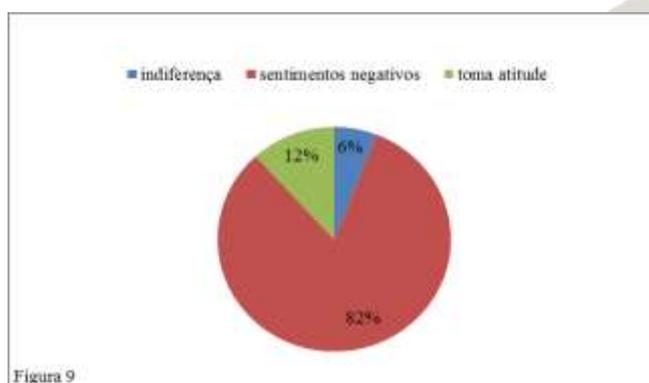


Figura 9

A categoria que prevaleceu nessa pergunta destaca sentimentos como: tristeza, raiva, chateação, decepção, apreensão e preocupação, sendo que alguns desses repetiram-se entre os discentes. Referente a 12% dos participantes que tomam atitude resume-se à: perguntar ao docente o porquê da nota (DISC. 03) e estudar mais (DISC. 01). O Discente 09 não se importa quando tira uma nota que pode ou não o agradar, pois quando marcam prova o mesmo estuda para entender o conteúdo, independentemente da nota, por isso encontra-se na categoria de indiferença.

A prevalência de sentimentos negativos nessa pergunta refere-se à sobrevalorização que os discentes atribuem a nota que recebem a partir dos trabalhos realizados. Isso implica em sua baixa autoestima, perda de vontade pela aprendizagem, tendo estímulos somente na busca por uma nota maior do que aquela que o deixou insatisfeito (BORUCHOVITCH e SOUZA, 2009).

5ª pergunta: O que tem mais importância para você: a nota ou sua aprendizagem?

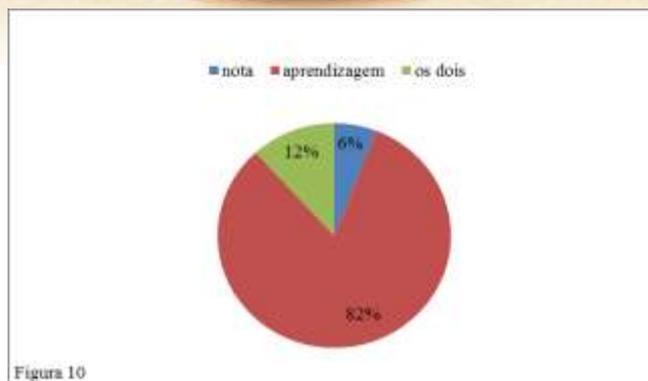


Figura 10

É relevante observar que os dados que prevalecem na figura 10 é contraditória a da figura 9, pois se o que mais importa aos discentes é a aprendizagem e não a nota, a reação em tirar uma nota indesejável poderia ser indiferente e menos negativa. Observamos uma distinção entre as falas: da maioria dos discentes por afirmar a aprendizagem ser mais importante, porque na verdade sabem que é fundamental para sua futura atuação profissional; e dos docentes em assumirem que os discentes se importam mais com a nota pela falta de participação dos mesmos no seu processo de aprendizagem. Considerar o que é mais ou menos importante nesse processo é dificultoso pelo fato de tanto docentes quanto discentes terem funções, como dito anteriormente, que mecanizam suas ações, tornando-as muitas vezes rotineiras, e sem muito sentido.

6ª pergunta: De que forma você acompanha a evolução de sua aprendizagem?



Figura 11

Nessa pergunta fica evidente que os discentes precisam testar seus conhecimentos para verificar se estão tendo realmente uma aprendizagem significativa, ou seja, a maioria destaca que somente quando chegam à disciplina de Estágio Supervisionado conseguem averiguar se aprenderam os conteúdos o suficiente para aplicá-los aos alunos nas escolas. Os seis discentes que fazem uma autoavaliação para acompanhar sua aprendizagem, em sua maioria assumem buscar conhecimento fora da sala de aula quando não aprendidos na mesma, como o discente 03:

[...]a cada decorrer de um período eu faço uma autoavaliação. De como eu comecei o período e de como eu terminei. O que eu aprendi e o que não consegui aprender. O aprendizado que eu não tive eu persisto e busco fora da sala de aula (DISC. 03).

Essa prática autoavaliativa desperta no discente condições para que este participe de forma mais ampla e ativa em seu processo de aprendizagem. Pois fazendo uma autoavaliação o discente consegue analisar seu avanço nos estudos, ganhando autonomia para agir nos momentos de discussões em sala de aula e tomando atitudes diante do professor e dos colegas (HAYDT, 2006).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa constatamos que, em geral o processo de avaliação da aprendizagem é compreendido pelos docentes, porém, não utilizado baseando-se totalmente em aspectos qualitativos que esta propõe. Para os discentes não é diferente, pois os mesmos destacam, implicitamente, participar de uma formação tradicional, onde há na maioria das vezes uma aprendizagem em curto prazo, para apresentação de trabalhos ou realização de provas, basicamente.

Portanto, faz-se necessário que os instrumentos avaliativos tenham algum sentido ao serem utilizados de certa forma, para que o *feedback* ocorra e o docente possa acompanhar a aprendizagem dos discentes e ainda contribuir com sua própria didática, refletindo sobre a forma como os utiliza. E para que o aluno, por sua vez, conheça sua capacidade de construção do conhecimento, tornando-se um discente autônomo, ativo e crítico perante a universidade e sua vida social.

Para futuros estudos sobre o mesmo objeto, indica-se uma pesquisa mais ampla em relação a coleta de dados, visto que nesta foi utilizada somente a entrevista para adquirirmos informações que contribuíssem com a efetivação do objetivo do trabalho. Sugere-se, portanto que seja utilizado além da entrevista um roteiro de observações para que o pesquisador possa acompanhar a rotina no contexto acadêmico do quais discentes e docentes fazem parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Mere. **Avaliação da aprendizagem com trabalhadores-estudantes de uma faculdade particular noturna**: O processo em busca de um caminho. Tese de doutorado. São Paulo, PUC, 1990. Disponível em: <www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_25_p119-133_c.pdf> Acesso em: 09 fev. 2015.

BORUCHOVITCH, Evely; SOUZA, Nadia Aparecida de. **Avaliação da aprendizagem e motivação para aprender**: Tramas e entrelaços na formação de Professores. Educação Temática Digital, Campinas, v.10, n.esp., p.204-227, out. 2009 – ISSN: 1676-2592. 204. CDD: 370.156. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/viewFile/2062/1867>> Acesso em: 17 abril 2015.

CHAVES, Sandramara M. **Avaliação da aprendizagem no ensino superior: realidade, complexidade e possibilidades.** 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <www.sinprodf.org.br/wp-content/.../tx_6_avaliacao_aprendizagem.pdf> Acesso em: 20 fev. 2015.

FERRAZ, Odecy Marques; GALDINO, Zilmar da Cunha. **A avaliação e sua prática a partir de um contexto escolar: um olhar sobre a avaliação da aprendizagem em uma escola municipal de Humaitá-AM.** Revista Amazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3415 1. Ano 3, Vol IV, Número1, pág.88-100, Humaitá, AM, jan-jun, 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/30316103268/Downloads/Dialnet-AAvaliacaoESuaPraticaAPartirDeUmContextoEscolarUmO-4028822.pdf>> Acesso em: 09 fev. 2015.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral.** 8 ed. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem... mais uma vez.** Artigo publicado na Revista ABC EDUCATIO nº 46, junho de 2005, páginas 28 e 29. Disponível em: <www.luckesi.com.br/artigos_abc_educatio.htm> Acesso em: 09 fev. 2015.

MÉDICE, José; SANTOS, Tamires Bento Alves. **Avaliação: construção da aprendizagem no quinto ano do ensino fundamental.** Revista Científica do Unisalesiano – Lins – SP, ano 1., n.1, jan/jun de 2010. Disponível em: <www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/.../CC36164741831.pdf> Acesso em: 09 fev. 2015.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MORAES, Dirce Aparecida Foletto de; RECHE, Bruna Donato. **As práticas avaliativas do processo de ensino e aprendizagem e as concepções dos professores.** Eixo Temático: Didática: Teorias, Metodologias e Práticas. Agência Financiadora: não contou com financiamento. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5576_3308.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física.** Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. Parintins, 2013.